



Volume 9, n.1, jan./jul. 2020
ISSN: 2317-0352

ENTREVISTA

Da política no humor ao horror na política: uma entrevista com Toni D'Agostinho

From politics in humor to horror in politics: an interview with Toni D'Agostinho

Síntese biográfica

Entrevistador

Rafael Balseiro Zin

Sociólogo e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP, onde cursa, atualmente, o doutorado em Ciências Sociais, com habilitação em Política.

E-mail:

rafaelbzin@hotmail.com

Antonio D'Agostino Filho, conhecido artisticamente como *Toni D'Agostinho*, é cartunista, chargista, ilustrador, ator, roteirista, diretor de teatro e sociólogo brasileiro. Na entrevista a seguir, percorremos temas relativos à sua trajetória artística e intelectual; sua relação com as ciências sociais; e como o artista compreende as questões mais latentes existentes na relação entre a arte e a política.

Rafael Balseiro Zin: Para iniciarmos essa conversa, Toni, gostaria que você apresentasse brevemente o seu percurso enquanto artista multilinguagem e como sua trajetória de vida o influenciou posteriormente na escolha pela formação acadêmica em ciências sociais.

Toni D'Agostinho: Considero o ano 1996 como o início da minha trajetória profissional. Foi quando concluí o curso de Artes Dramáticas na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e comecei a escrever no Seminário de Dramaturgia do Arena (SEMDA). Também foi por volta desse ano que vendi as minhas primeiras caricaturas. O teatro e as artes visuais sempre foram as duas atividades que, concomitantemente, me deram forma de expressão e sustento material.

Meu ingresso na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, por sua vez, foi motivado por duas pessoas: Graziela Lima, uma amiga querida que fazia o curso de Sociologia e Política por lá e o grande mestre Chico de Assis, coordenador do SEMDA, cujos ensinamentos instigaram minha procura por conteúdos mais profundos, a fim de dar maior verticalização à produção de textos para o teatro. As ciências sociais se mostraram tão importantes quanto o lápis e o palco em meus dois fazeres artísticos.

Rafael Balseiro Zin: A sua formação técnico-profissionalizante em Artes Dramáticas pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul aconteceu entre os anos de 1994 e 1996. Conte-nos um pouco como surgiu o seu interesse pelo teatro e qual a sua relação, hoje em dia, com esse campo de atuação artística.

Toni D'Agostinho: Eu havia saído do Colégio João XXIII e sentia a necessidade de manter contato com meus colegas. Alguns entraram no curso de Teatro ministrado por Eduardo Hajjar. Por meio da participação nessa atividade, havia a intenção de não deixar os laços de amizade, tão importantes para mim na época de adolescente, terminarem. Dessa maneira, o teatro entrou em minha vida por acaso, mas logo se tornou, ao lado do desenho, a atividade de maior importância. A profissionalização foi um destino esperado e o curso mais acessível e conhecido por mim foi o da Fundação das Artes.

Por meio do Teatro, as realizações mais importantes aconteceram e os palcos me fizeram conhecer as pessoas mais interessantes e talentosas que jamais pensei estarem tão acessíveis. Além de ser uma das maneiras pela qual tiro o meu sustento, é nas artes cênicas que entendo o real sentido da coletividade nas artes. No Teatro de Arena, vivi uma aventura sem tamanho: a convivência com Chico de Assis, que nos ensinou que, “fora da arte, não há salvação”.

Rafael Balseiro Zin: Antes de se interessar pelo teatro, desde a infância você já mantinha uma forte relação com o universo gráfico, em especial o das histórias em quadrinhos. Como surgiu esse interesse?

Toni D'Agostinho: Foi pelo contato com o meu primo Zezinho, que nos anos de 1970 colecionava quadrinhos da Marvel e DC. Ver os super-heróis desenhados em ações extra-humanas encantava os olhos da criança que fui e ajudou a incutir em mim o objetivo de ser desenhista de quadrinhos, que perdurou por toda a adolescência. Acabei me alfabetizando antes do processo escolar formal, já que o desejo de saber o que diziam os balões naquelas maravilhosas páginas era tão forte. Na adolescência, os heróis cederam um tanto de seu lugar para os quadrinhos nacionais da safra da saudosa *Chiclete com banana*. A tríade Laerte, Glauco e Angeli deu novos significados às possibilidades de expressão via nona arte.

Rafael Balseiro Zin: Durante a graduação em ciências sociais, pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, você pôde aprofundar o seu olhar crítico com relação às questões políticas e sociais mais latentes da sociedade brasileira. Como foi essa experiência e o que mais te marcou ao longo do curso?

Toni D'Agostinho: Assim como o ingresso no Teatro de Arena, a graduação na Escola de Sociologia e Política de São Paulo mudou radicalmente minha vida. A imersão em saberes tão profundos fez mais do que meramente me nutrir de informações: ela abriu possibilidades de conexões do universo das ciências sociais às diversas linguagens artísticas com as quais já trabalhava. Mais do que isso, ressignificou a minha formação como indivíduo e criador. Foi somente após meu contato com temas referentes ao curso, que iniciei uma carreira que me é tão importante hoje: a de *chargista político*. Nas artes gráficas é comum a excelência do traço, mas nem tão comum a análise, a sátira ou a crítica, que representam uma síntese do momento histórico e seus atores políticos. Devo ao meu contato com a FESPSP os resultados mais felizes que tive nessa área.

Ao mesmo tempo, creio que o que mais me marcou durante o curso foi certeza de que, da mesma maneira que o passado influencia o presente no processo histórico, o presente influencia o passado – uma vez que nossos mecanismos de entendimento e crítica sociais potencializam, hoje, a análise e entendimento do ontem. Esse novo mirar aos eventos de nossa formação é uma das ações que dá sentido à vida e mostra a maravilha do que é a seara da espécie: trágica, cômica e engrandecedora.

Rafael Balseiro Zin: Após a graduação em sociologia e política, já no mestrado em ciências sociais pela PUC-SP, você desenvolveu uma análise bastante instigante acerca dos discursos políticos utilizados pelos humoristas gráficos durante a Revolta da Vacina, que ocorreu em 1904 na cidade do Rio de Janeiro. Como se deu a escolha desse objeto de estudos e como os resultados da sua pesquisa dialogam com o Brasil contemporâneo?

Toni D'Agostinho: Anos antes do mestrado, em um sebo na Praça da Sé, eu havia adquirido uma publicação de mais de quinhentas charges sobre Oswaldo Cruz e os eventos que ladeiam a Revolta da Vacina. Sempre imaginei que tal material pudesse ser o fomento de algum artigo ou mesmo um espetáculo teatral. Interessante notar que as peças satíricas foram selecionadas e arquivadas pelo próprio sanitarista, que foi alvo das chacotas, num primeiro momento, e elogiado, num segundo. O meu ingresso no mestrado em ciências sociais na PUC-SP, portanto, foi a oportunidade de trabalhar com o tema. Há paralelos muito explícitos com a pandemia que estamos vivendo, mas a analogia não deve ocorrer de maneira tão direta como tem sido veiculada pelos meios de comunicação. A sociedade, a medicina e as circunstâncias do início do século XX não são semelhantes às do início do século XXI. Já acompanhei matérias dizendo que, da mesma maneira que o “povo ignorante” não queria a vacina e colocava em dúvida as formas de contágio da febre amarela, da varíola e da peste bubônica em 1904, nossos contemporâneos também negam os perigos da Covid-19.

Contudo, é importante lembrar que os próprios procedimentos médicos básicos do século XVIII e início do XIX não tinham consenso entre os profissionais da categoria. Eles eram alvo de disputas públicas que aconteciam nos jornais, sendo acompanhadas pela sociedade que se encontrava sem o menor acesso a esses saberes, ainda em processo de construção e de consolidação. Médicos se acusavam mutuamente de assassinos e charlatães. A figura do médico social, e seu apreço ao autoritarismo, buscava tratar do corpo e das moralidades da população num cenário em que várias moléstias eram colocadas na conta das transmissões miasmáticas – os vapores exalados pelos corpos dos doentes sem as condições sanitárias ideais –, em sua maioria, os corpos de negros pobres que se aglutinavam nos cortiços e moradias improvisadas dos centros urbanos.

Apesar do fenômeno apresentar múltiplas causas, o estopim da Revolta da Vacina não foi exatamente uma questão médica, mas uma insatisfação popular com a legislação que regulamentava o método de ação arbitrária do Estado e, sobretudo, a punição aos que não aceitassem a vacina. Em face dessa questão, penso que o momento atual é muito mais grave, pois a medicina está em outro patamar de sua própria história, o debate sobre a eficácia das vacinas já foi superado e a sociedade não tem motivos razoáveis para ser negacionista e não fazer uso dos métodos de proteção orientados pela OMS e pelo Ministério da Saúde do Brasil. Parece que vivemos um retrocesso ao século XVIII, mesmo contando com os avanços da ciência no século XXI.

Rafael Balseiro Zin: E como você avalia a produção de conhecimento nessa linha de pesquisa no Brasil que, de modo interdisciplinar, estabelece os possíveis diálogos na relação entre a arte e a política?

Toni D'Agostinho: Creio que é muito profícua – e não poderia deixar de ser em um país como o nosso, “o país da piada pronta”. Especificamente, na área de humor gráfico, política e história, pesquisadores como Gilberto Maringoni de Oliveira, Rodrigo Patto de Sá Motta, Elias Thomé Saliba, Silvana Gobbi Martinho, entre tantos outros, têm dado uma contribuição fundamental. Se o fazer político se dá também pelos caminhos não tradicionais, o humor é parte do processo democrático. Apesar disso, pode ser utilizado por autores comprometidos com agendas autoritárias e peças que espalham notícias falsas, com objetivo da desinformação. Discussões sobre construção do riso cômico tendo como alvo o opressor ou o oprimido, em um país cuja correlação de forças dos estratos sociais é tão desigual, estão na pauta dos que versam sobre o tema.

Rafael Balseiro Zin: Pensando em termos de processo criativo, Toni, quais são as questões ou mesmo as referências que mais te mobilizam? Como você trabalha essas questões e referências e como elas impactam em sua produção artística?

Toni D'Agostinho: Meu processo está impregnado pela dramaturgia. Mesmo nas peças gráficas em que não há texto, nos cartuns, caricaturas e ilustrações, é preciso partir de uma ideia central a fim de elaborar uma narrativa gráfica. Hoje, divido minha produção em duas categorias: aquela que me é encomendada por contratantes e a que é inteiramente autoral. Sobre a última, nesse momento, há ainda um elemento que vem antes da ideia central: *a angústia*. É preciso dar forma a essa angústia para que ela não se resolva internamente. Quando uma charge ou um cartum surge, vivencio o processo de sublimação, ao menos parcial, de uma angústia intermitente que precisava encontrar “voz” e comunicar. Após as últimas eleições e ataques aos direitos humanos, como era de se esperar, minha produção de charges aumentou drasticamente. Outra característica do meu processo criativo é a interação dos meios tradicionais e digitais de produção. Hoje, muito do que faço nas artes visuais, é concebido diretamente sem a utilização de papel, desenhado à mão diretamente em um *tablet*.

Rafael Balseiro Zin: Recentemente, no mês de junho de 2020, fomos surpreendidos com um pedido de abertura de inquérito feito pelo Ministro da Justiça André Mendonça, em conluio com a então Secretaria de Comunicação do governo federal, solicitando ao Ministério Público da União e à Polícia Federal que investigassem uma charge de Renato Aroeira, em que o artista associa o presidente Jair Bolsonaro ao nazismo. Quais são as suas impressões sobre esse movimento crescente de censura às artes que estamos vivendo no Brasil e como ele afeta o dia a dia dos artistas?

Toni D'Agostinho: O mais triste disso tudo é a possibilidade de vermos surgir um fenômeno de autocensura por parte dos artistas. Espero que não aconteça de maneira a impactar significativamente a produção de charges e outras manifestações de sátira política. Mas é um cenário que se avizinha e que devemos observar com cuidado. A aversão à crítica satírica dos que flertam com o autoritarismo, infelizmente, é bastante conhecida. *O Pasquim*, por exemplo, teve sua redação inteira presa; a Câmara dos vereadores de Porto Alegre vetou exposição sobre charges críticas ao atual presidente da república; um deputado do PSL quebrou recentemente

uma peça que estava em exposição no Congresso e que apresentava uma charge sobre violência policial e racismo, feita pelo cartunista Latuff. E por aí vai.

O mais preocupante nessa história, porém, como asseverou o próprio Aroeira, é que essa é a primeira vez que o aparato do Estado brasileiro se mobiliza dessa maneira, acionando a Lei de Segurança Nacional, um dispositivo legal criado para blindar militares na ditadura de 1964. Penso que faz parte do inventário macabro que esse governo quer fazer renascer, sob nova roupagem, juntamente às medidas que deslegitimam e criminalizam as lutas contra a desigualdade protagonizadas pelos movimentos sociais. Tenho certeza de que precisamos resistir aos obscurantismos que nos afetam a todos, pois esse crescimento da extrema direita, dos nacionalismos, dos autocratas e das ameaças às democracias e direitos humanos é um fenômeno global. *É preciso resistir!* E a nossa maneira de resistência é feita justamente com a arte. Não podemos nos amedrontar, afinal, é isso o que a mediocridade autoritária quer: amedrontar e entristecer os corpos que não pode controlar ideologicamente.

Rafael Balseiro Zin: Como forma de prestar solidariedade ao colega, artistas de todo o país se uniram através das redes sociais e criaram um perfil no Instagram intitulado “Somos Todos Aroeira”, onde estão sendo publicadas novas versões e releituras da charge. Como você avalia essa nova forma de engajamento virtual e quais são os possíveis impactos políticos de iniciativas como essa?

Toni D'Agostinho: Acho um marco na história da arte política no país. Jamais tivemos essa reação, seja por falta de engajamento ou mesmo pela inobservância de plataformas que propiciassem uma ação direta dessa monta. Discordo de muitos que desqualificam a militância virtual. Sem diminuir a importância das ruas nas manifestações de oposição ao poder, o meio virtual é fundamental na organização e na propagação dos ideais de um mundo mais inclusivo e empático. Não fosse assim, esses espaços não seriam tão utilizados pela extrema direita como meios de difusão de pensamento e desinformação. Acredito que ficar fora do meio virtual é deixar de atuar em boa parte do que se entende contemporaneamente por mundo. O meio virtual não é concreto, mas não deixa de ser tão real quanto a concreção.

Rafael Balseiro Zin: Para finalizar, pensando especificamente na relação entre a arte e a política, como você lida com a ideia bastante difundida entre alguns pensadores de que a arte tem a capacidade de transformar o mundo?

Toni D'Agostinho: É uma ideia radical da qual compartilho, mas observo que devemos atualizar a nossa expectativa de alcance dessa transformação: a arte possibilita, acredito eu, a transformação do mundo daquela pessoa ou do mundo daquele pequeno grupo de pessoas. As transformações globalmente totalizadoras por meio da arte, em nossa época de relações fugazes, parecem ser inalcançáveis – e, talvez, indesejáveis. Enquanto a noção de diversidade se desenvolveu sobremaneira e abarcou grupos que antes eram socialmente invisíveis, a desigualdade mostra como cruéis somos em relação ao outro e ao planeta do qual dependemos. A arte total é barrada pelas fronteiras da linguagem e, sobretudo, do processo de formação das sensibilidades que compõem as plateias. Para ter um caráter revolucionário e emancipador, em uníssono das populações do globo, as audiências precisariam ter um nível minimamente equitativo de sensibilização para a interação com a obra de arte. Infelizmente, contudo, a história da humanidade ainda não conheceu esse estado.

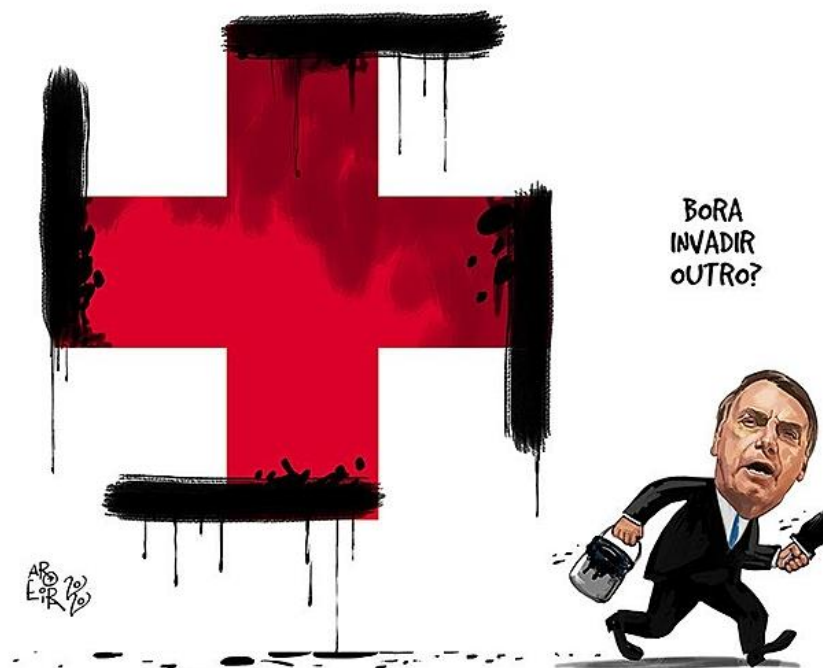
Rafael Balseiro Zin: Foi um prazer ouvi-lo, Toni. Em nome da comissão editorial e dos leitores da *Revista Café com Sociologia*, deixo registrado aqui os meus mais sinceros agradecimentos por essa rica entrevista.

Entrevista realizada em: 22 de julho de 2020.

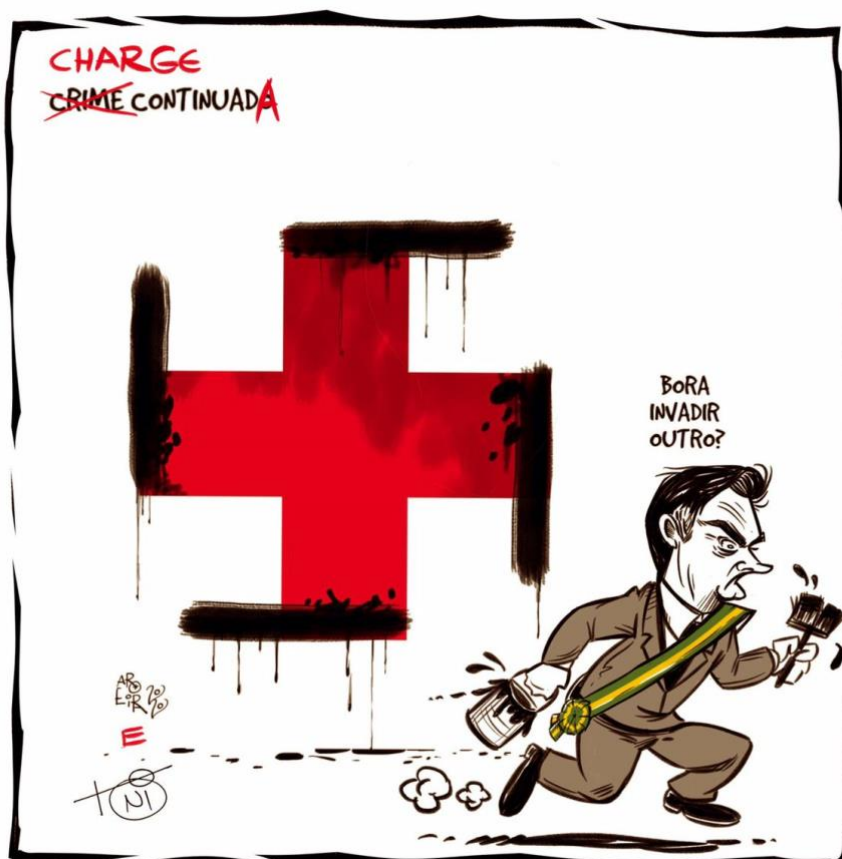
Recebida para avaliação em: 07 de agosto de 2020.

Aceita para publicação em: 11 de agosto de 2020.

CRIME CONTINUADO



Crime continuado, charge de Renato Aroeira publicada em junho de 2020 no site Brasil 247.



Charge continuada, releitura da criação de Renato Aroeira feita por Toni D'Agostinho.